

TORRES : CRÔNICA DA CIDADE

Imagens_Descrições_Narrativas_História

Paulo Timm – (Org) – abril 2015- Para uso em aula

Índice

“É útil fazer compreender que os problemas de agora encontram suas raízes no antes, ali é que pode ser intuído o começo de suas soluções. Expor ao homem de hoje as ações sociais de outrora significa abrir-lhe horizontes novos para sua vida”.

Ruy R. Ruschel in “ Os fortes de Torres”, Ed. EST, POA, 1999 – pg. 81

I – Paisagens

Debret

II - Descrições e Narrativas

Saint Hillaire

Carl Seidler

Brigadeiro Francisco de Paula Soares Gusmão

Handelmann

Ruy Ruschel

Renato Costa

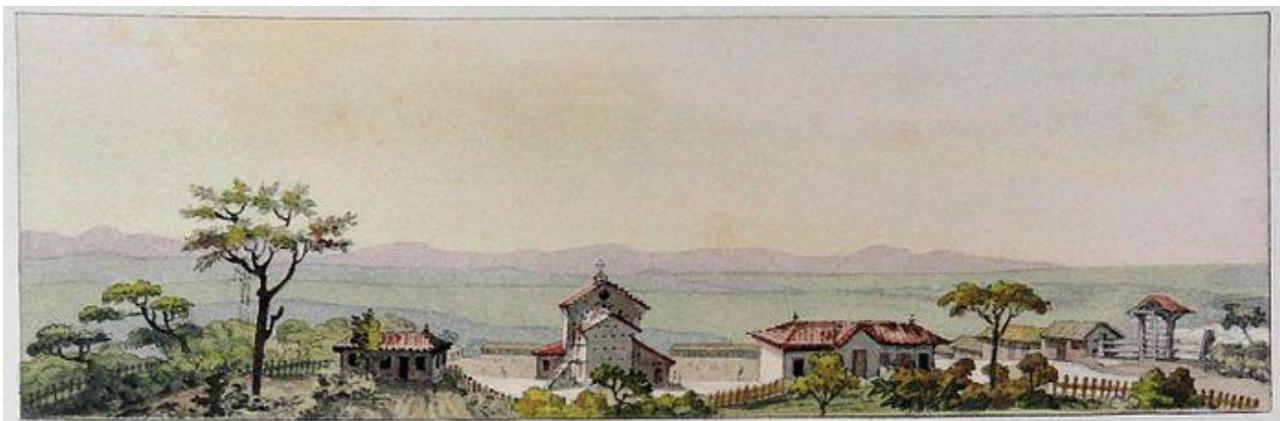
III - Literatura e Livros

IV – Território e Datas

I - Paisagens

O primeiro paisagista de Torres -

Ruy Ruschel 16.11.1985 in "Torres Tem História" , pg. 27



Debret: Vista dos fundos da Capela, a partir do topo do Morro do Farol, início do século XIX.

O primeiro paisagista de Torres -

Ruy Ruschel 16.11.1985 in "Torres Tem História" , pg. 27

A natureza de Torres se impõe por si, suas paisagens vêm encantando gerações de almas sensíveis. Poucas são as cidades que já atraíram a atenção de tantos artistas plásticos. Pena que ninguém se propôs, ainda, a fazer um levantamento a esse respeito, tarefa que se recomenda à instituição comunitária que queira preservar a memória torresense.

É o caso de lembrar, como exemplo, uns poucos nomes de pintores que tornaram a paisagem torrense como tema dentre os valores locais, os jovens Irineu Lippert e João Batista da Rosa, com dezenas de óleos. Dentre os veranistas de nosso tempo Nathaniel Guimarães e De Curtirs, com numerosas aquarelas. Dentre os pintores estrangeiros de outrora: o espanhol Cervasio, o checo Francis Pelicheck, do começo deste século e o alemão Wendroth, de meados do XIX.

Mas o mais antigo foi também o mais famoso: o francês Jean-Baptiste Debret, o melhor de sua geração. O mais ativo dos componentes da célebre "missão francesa", importada por D. João VI para servir de base aos desenvolvimento artístico brasileiro. Debret permaneceu em

nosso aís de 1816 a 1821 e deixou um magnífico montante de obras plásticas.

Grande parte deste acervo está guardada no Rio de Janeiro, na Fundação Raymundo de Castro Maya, inclusive três aquarelas sobre Torres. A primeira foi editada em 1954, em uma edição de pranchas artísticas, hoje muito rara. Nela o pintor francês retratava o povoado de Torres bem no começo, aparece, vista pelos fundos, a capela de São Domingos, recém inaugurada, ainda sem torres, ainda com a nave mais curta do que hoje; algumas casinhas, uma porteira, cercas, a Lagoa do Violão e a serra. Tive oportunidade de divulgar a gravura correspondente, pela primeira vez no Rio Grande do Sul, no saudoso “Correio do Povo”, em 27.10.1974, quando se comemorava o sesquicentenário da matriz; os torrenses puderam ver a mesma gravura afixada no interior da igreja e, também, na página do livro “São Domingos das Torres”.

As outras duas pinturas continuam inéditas. Uma delas vi no Rio: representa a travessia do Mampituba feita por um viajante daquele tempo, aí por 1825.



A terceira delas retrata a três “Torres” vistas pelo lado do mar: parece que o pintor fez os esforços de dentro de uma canoa. Lastimavelmente, continua desconhecida do grande público aquela que parece ser a mais antiga reprodução de nossa querida paisagem de penhascos a que as ondas vêm acariciar os pés.



**Debret: A travessia do Mampituba – 17.08.1992 – in
“Torres tem História”, Ruy Ruschel pg 531**

Em crônica anterior (Gaz. 24-07) procurei tornar públicas as conclusões que podem ser extraídas da aquarela de Jean-Baptista Debret denominada “As Torres”. O mesmo pretendo fazer agora em relação a outra aquarela sua, de nome “Mampetuba) . Estas obras plásticas, pintadas por volta de 1825, eram inéditas. Estão recolhidas ao acervo de uma instituição carioca – a Fundação Castro Maya. Por iniciativa da SAMRIG, ambas, ao lado de outras obras de Debret foram reproduzidas no relatório social de 1977-8 dessa empresa gaúcha . Tive acesso ao álbum graças ao Diretor de nosso jornal, Sr. Nelson Adams Filho.

A aquarela que ora comento também fornece interessantes lições de como era Torres há quase 170 anos atrás, porque procura ser minuciosa e fiel. Serve de razoável fonte de pesquisa histórica.

Nela Debret procurou retratar o método então usado para a travessia do Rio Mmpituba. Vê-se um viajante de pé na margem sul do rio, com poncho ou cobertor enrolado ao ombro de alguns objetos na mão. Acaba de atravessar de canoa e espera que dois escravos terminem suas tarefas. Um dos negros está saindo da canoa , carregado de arreios e pelegos. O outro, ainda dentro da embarcação, puxa para a margem um cavalo que veio a nado. Na canoa, encostada na margem, enxergam-se os remos e duas caixas de bagagens. No primeiro plano aparece outro cavalo, ainda com uma longa corda amarrada ao pescoço: atravessou o rio nadando e agora está parado na praia antes de ser encilhado.

Em si, a cena repete informes que se colhem em outros documentos escritos na época. Enquanto as pessoas e bagagens atravessavam os rios em canoas, os animais vinham atrás, puxados, nadando.

• (...)

Esta aquarela bem como as outras duas que Debret pintou acerca de Torres mereceriam ser reproduzidas em ponto grande para ornamentar o salão nobre da Prefeitura.

Herrmann Rudolf Wendroth: A praia da Guarita, 1852.



Praia de Torres, pintura de Francis Pelichek, 1927. Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.



II – Descrições_Narrativas

1820 – Auguste de Saint Hilaire, em viagem pelo Brasil, passa por Torres e registra:

- **São Domingos das Torres** - Auguste de Saint-Hilaire-1820

...deparamos dois montes denominados Torres, por que realmente avançam mar adentro, como duas torres arredondadas. Para as bandas do oeste, recomeçamos a avistar a grande cordilheira que há muito tempo não víamos. Cerca de uma légua daqui, encontramos-nos à margem do rio Mampituba, que, atravessando a praia, se lança no mar, após separar a Província de Santa Catarina da Capitania do Rio Grande.

(...)

Continuando nossa caminhada eis-nos chegados aos montes que têm esse nome (de Torres). Um relvado curto, rasteiro mesmo, se estende à beira-mar, um pouco acima do mais setentrional dos dois montes.

(...)

Como há o projeto de localizar-se em Torres a sede de uma paróquia, iniciaram aí a construção de uma igreja, da qual apenas existe o madeiramento. Após passarmos por essa igreja chegamos a um forte cuja construção se ultima e junto ao qual se acha o alojamento dos soldados do posto e do alferes que os comanda. Tais edificações ficam na face ocidental do monte, de onde gozei um panorama que me pareceu mais encantador do que realmente era, devido à monotonia dos areais áridos a que meus olhos acostumaram nos dias anteriores.

(...)

Um lago alongado, de águas tranqüilas e cercadas de altas ciperáceas se estende ao pé do monte, paralelamente ao oceano. Além são matas que crescem em um terreno plano. À direita vêem-se ainda areais puros, e enfim o horizonte, delimitado pelo imenso planalto da grande cordilheira. (...) Chegado à residência do Alferes (Manoel Ferreira Porto) mostrei-lhe meus documentos, sendo muito bem recebido e alojado em uma pequena casa onde ficarei sozinho e de onde se avista o lago.

• (...)

A construção do forte a que me refiro, linhas atrás, tinha sido começada e estava em andamento, embora não se acreditasse na invasão espanhola. De Laguna até aqui a

costa é tão baixa e tão castigada pela fúria de um mar perigoso às pequenas embarcações que nem por sombra poder-se-ia julgar que os inimigos aí se atrevessem a desembarcar. De qualquer modo a consstrução está sendo tocada, orientada para o norte e dpodendo ser dotada de quatro peças de artilharia. Em sua construção empregam-se cerca de 30 prisioneiros tomados a Artigas. Todos são índios, salvo apenas um. Entretanto a maior parte mostra traços de sangue espanhol. Uns vieram das Missões, outros de Entre-Rios e outros do Paraguai. Quero crer que se atiraram à luta visando somente a pilhagem.”

Carl Seidler

Em 1826 a Câmara de Santo Antônio da Patrulha iniciou a instalação de mais de cem famílias de imigrantes alemães, protestantes nas colônias de Três Forquilhas e católicas em São Pedro de Alcântara, a poucas léguas para o interior do núcleo inicial do Povoado das Torres. Um viajante alemão em passagem, Carl Seidler, contudo, disse que a distribuição dos lotes foi desigual, os católicos recebendo os melhores, o que causava frequente atrito com os protestantes, chegando a se registrar "não raro conflitos sangrentos e até mesmo os mais bárbaros morticínios". Disse mais, que a região ainda era assolada por índios, que matavam gente e causavam destruições, com a consequência de a população decrescer em vez de aumentar.

Duarte, Miguel Antônio de Oliveira. *Torres - As Termópilas Brasileiras*. IN Quadros, Terezinha Conceição de Borba & Brocca, Maria Roseli Brovedan (coords). *Raízes de Torres*. Porto Alegre: EST, 1996. PP 65-

71

1819 - Brigadeiro Francisco de Paula Soares Gusmão quem dirigiu o povoado por cerca de dez anos, e mais tarde deu um relato sobre as condições de vida por então:

- *"Os socorros de peixe de água doce e salgada, unindo às produções de gêneros da primeira necessidade que superabundam no Distrito, favorecido pela natureza, permite afiançar que na Província não há certamente um lugar como as Torres para a pobreza viver. Ali a banana, que faz muita parte no alimento dos escravos e crianças, é efetiva todo o ano; as batatas chamadas inglesas, este pão dos Colonos, na falta do milho, abunda por toda parte, dando duas colheitas ao ano.... É fecundíssimo o Distrito das Torres, nele não se conhece seca.... e*

por isso os lavradores todos os anos têm duas colheitas de feijão e milho.... A mandioca também há em muita abundância, de modo que a farinha se chega a vender por baixo preço. As terras do Distrito são incomparavelmente boas para a agricultura.... Há muita terra apaludada própria para a plantação do arroz, era neste ramo da agricultura que eu desejava ver os habitantes empenhados.... É riquíssimo o Distrito de madeiras de construção e por isso se conserva com os de Palmares e Mostardas um comércio muito efetivo.... os Mostardenses trazem de seu distrito cavalos, bois, vacas e com estes gêneros compram carretas, charque, graxa, trigo, centeio, peles de carneiro, couros para curtir e alguns tecidos de lã, mas em troca levam nas suas carretas milho, feijão e farinha. Os serranos também fazem grande tráfego com as Torres".

Duarte, Miguel Antônio de Oliveira. *Torres - As Termópilas Brasileiras*. IN Quadros, Terezinha Conceição de Borba & Brocca, Maria Roseli Brovedan (coords). *Raízes de Torres*. Porto Alegre: EST, 1996. pp. 65-66

Heinrich Handelmann, visitando em 1860, deplorou:

"O estado em que se acham ambas as colônias, Três Forquilhas e Torres, as duas juntas aproximadamente mil almas, é portanto lastimável; se os habitantes têm o necessário para a subsistência, entretanto, pela impossibilidade de saída regular dos produtos, falta-lhes o estímulo para incitá-los a serem ativos trabalhadores de lavoura e indústria; cortadas as colônias de toda a comunicação, com a gente da Província e com a velha pátria, elas permanecem como que enterradas no mato, devendo necessariamente degenerar espiritualmente".

Fonte - Ely, Nilza Huyer. *A Saga do Desenvolvimento Econômico do Vale do Três Forquilhas*. IN Barroso, Quadros & Brocca, *op. cit.*, p. 93

1877 – A Construção do Forte- Ruy R Ruschel – “Os fortes de Torres – Ed. EST- POA – 1999 , pg. 19

Face a essa correspondência (...) se torna claro que a idéia do forte em Torres partiu da iniciativa única do **Governador José Marcelino** –(Gov da Capitania RS, criada em 1809), contra o parecer do Comandante-em-Chefe do Exército, Boehm, estando equivocada do historiador Jonathan Monteiro (“Dominação Esanhola do Rio Grande do Sul. Anis

Simpósio .. RJ. Ed. IHGBrasi, 1979, v. 4, PA 163-168) ao atribuir a este último o envio do Mal. Funck e do Tem-Cel João Alves para executá-lo.

1950 - Renato Costa narrou sua experiência pessoal



Banhistas na Praia Grande, anos 60



Veranistas na década de 1970, notando-se à esquerda já diversos prédios de vários andares, atestando a transformação urbana.

- *"...a situação transmudou-se, completamente. Não só a viagem se faz por excelentes rodovias, como já se verifica uma tendência generalizada para dar-se ao veranista conforto material mais digno e mais eficiente. A visita que fizemos, sábado e domingo últimos, a Torres, constituiu uma surpresa imensa, que nos encheu de orgulho. Não podíamos imaginar que, em tão poucos anos, se pudesse remodelar completamente um lugarejo, como era Torres, toda ela pavimentada (em vésperas de serem asfaltadas as ruas), iluminada amplamente, com um serviço de água corrente límpida e fresca! E o que é mais, com numerosas e magníficas residências particulares de um apurado gosto arquitetônico".³³*

Fonte = Cardoso, pp. 114-115 apud Wikipédia

TORRES E SEU MEIO AMBIENTE

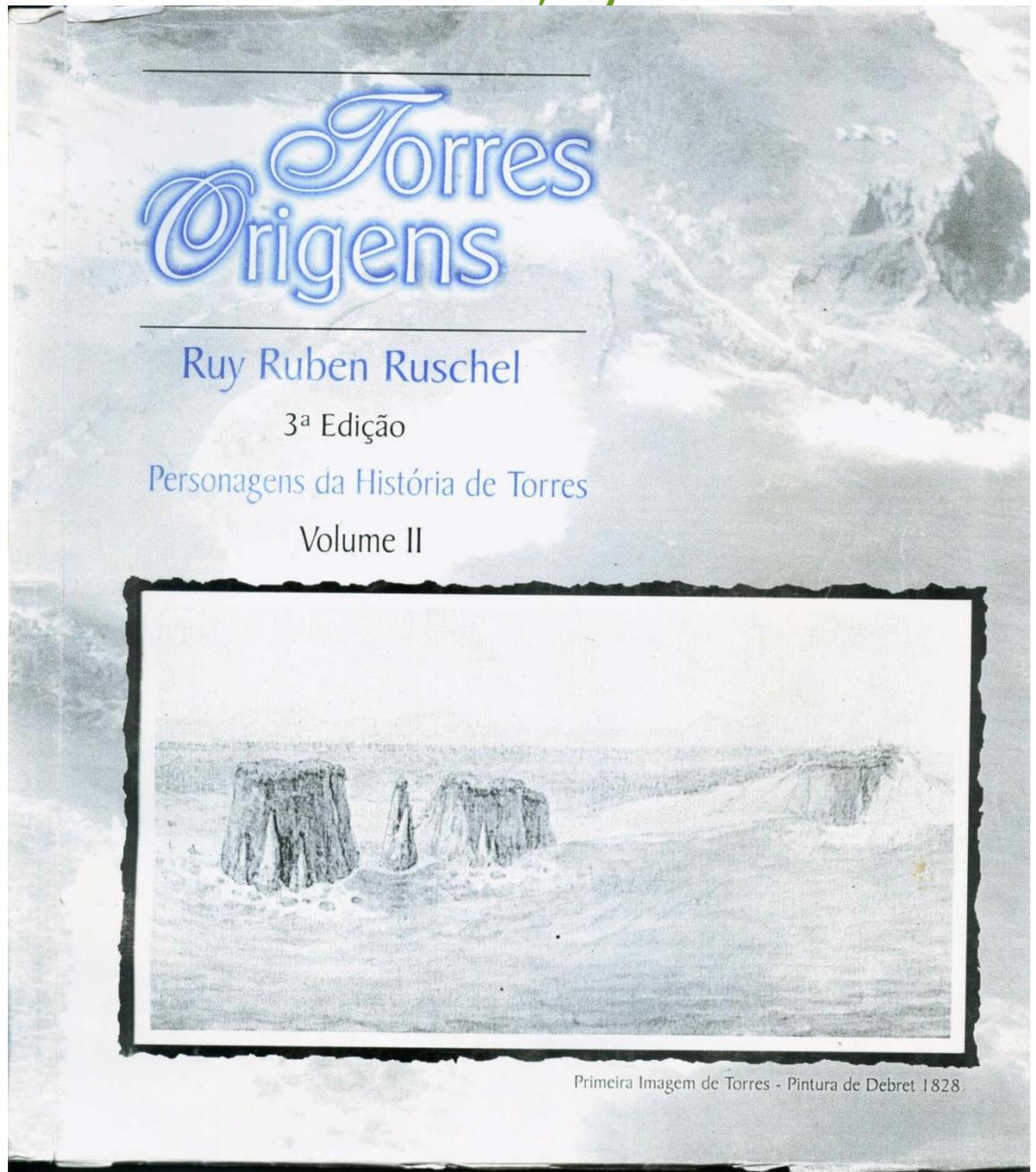
A área de Torres está incluída no bioma da Mata Atlântica, caracterizado localmente pelo predomínio da floresta perenifólia higrófila costeira.⁶⁵ Na definição de 1999 do Conselho Nacional do Meio Ambiente a área de Torres é caracterizada como de restinga,

"um conjunto de ecossistemas que compreende comunidades vegetais florísticas e fisionomicamente distintas, situadas em terrenos predominantemente arenosos, de origem marinha, fluvial, lagunar, eólica ou combinações destas, de idade quaternária, em geral com solos pouco desenvolvidos. Estas comunidades vegetais formam um complexo vegetacional edáfico e pioneiro, que depende mais da natureza do solo que do clima, encontrando-se em praias, cordões arenosos, dunas e depressões associadas, planícies e terraços".

Fonte -Guadagnin, Demétrio Luís et alii. *Diagnóstico da Situação e Ações Prioritárias para a Conservação da Zona Costeira da Região Sul - Rio Grande do Sul e Santa Catarina*. Subprojeto Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Zona Costeira e Marinha, Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis/Ministério de Minas e Energia. Porto Alegre, 3 de setembro de 1999. s/pp.

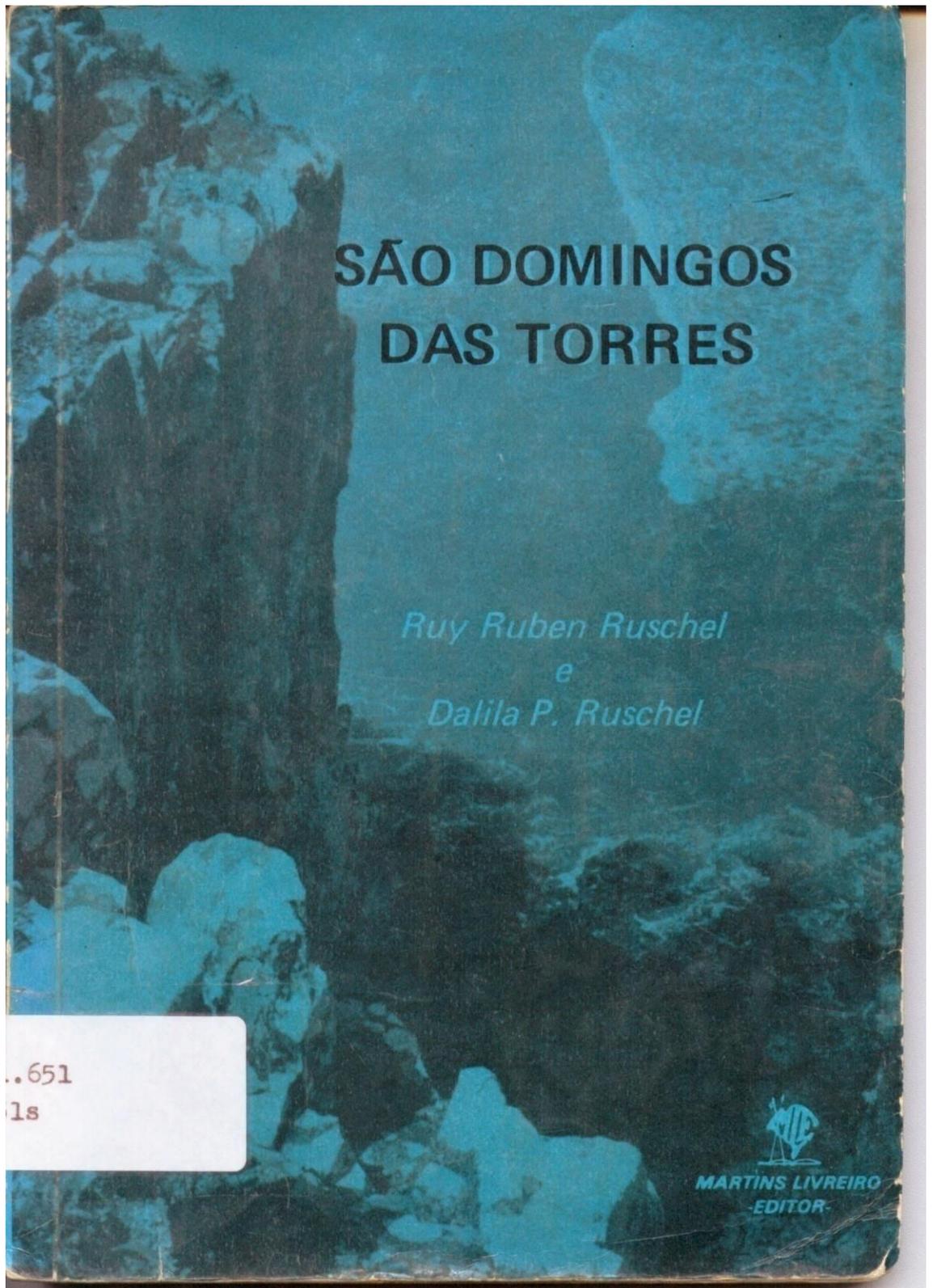
III – Literatura_Livros sobre Torres –

Obras do Historiador de Torres , Ruy Rubens Ruschel



São Domingos das Torres; Ruy R. e Dalila P. Ruschel (filho e mãe)

Disponível na Biblioteca de Torres



.651
ls

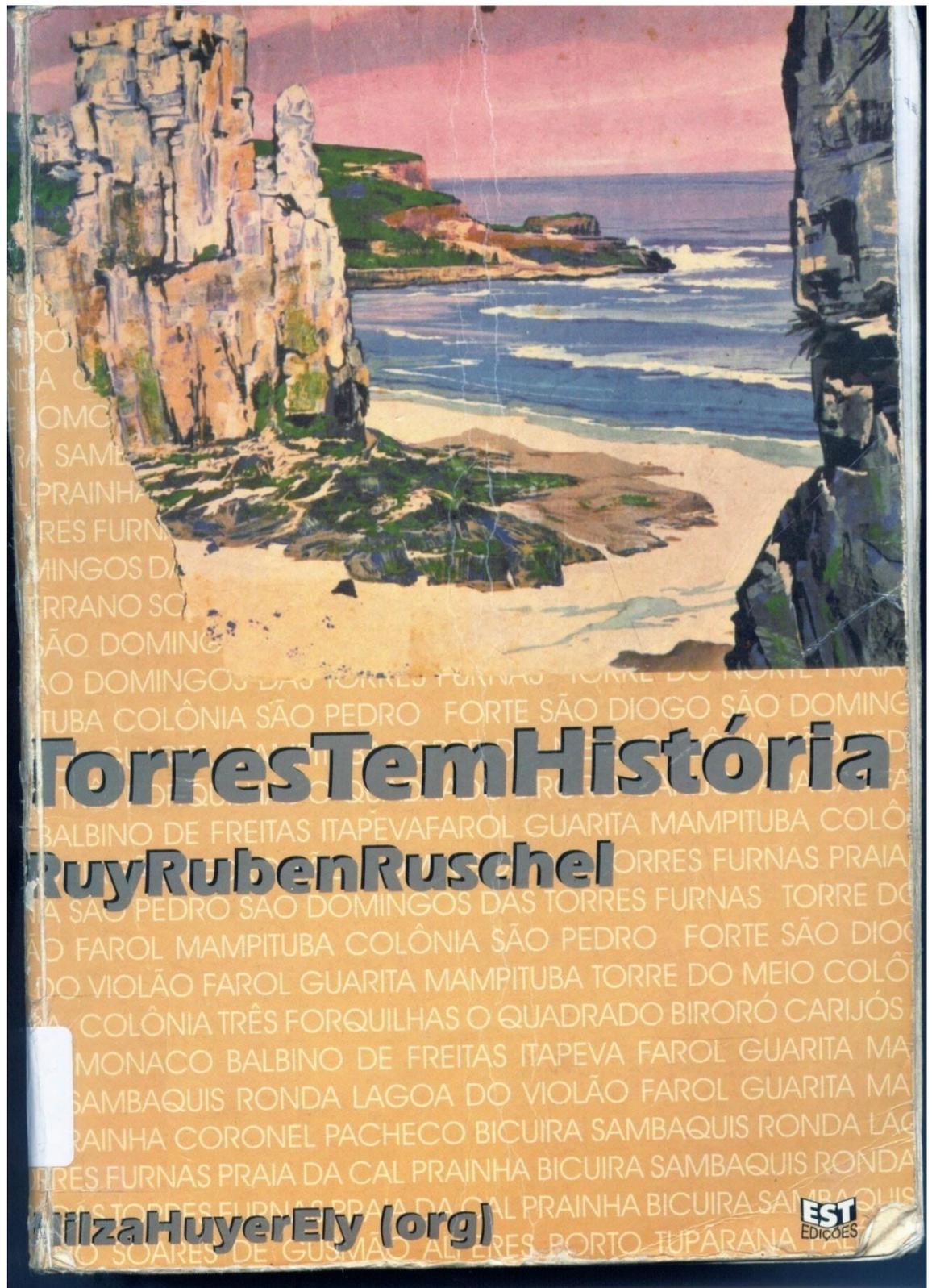

MARTINS LIVREIRO
-EDITOR-

Obra disponível na Biblioteca de Torres

- 2 Torres Origens; Torres: edição comemorativa 10 anos Jornal Gazeta e à realização do "Raízes Torres", 1995.
 - 3 Os Fortes de Torres; Porto Alegre: edições EST, 1999.

- Obra Post-mortem: Mar Grosso e Areia Fina.
- Torres Tem História; Crônicas do autor organizadas pela professora Nilza Huyer Ely.

Ruy R.Ruschel – in “Torres tem História” - 26.04.1986 pg. 51



(...)

*Na década de 1930 revelou-se o pioneiro dos escritores sobre a história e geografia torrense: o prof. **Dante de Laytano**. São suas as monografias “Geografia do Município de Torres” (1930) , “ O Presídio de Torres” (1936, “Litígio entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul!*

(1937) e “Vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul” (1937) . Observe-se que o Prof. Dante, amigo incontestável de Torres, continua produzindo.

Em 1961 cometemos uma tentativa no campo de geomorfologia torrense publicando a monografia **“As Torres do Litoral Gaúcho”**. Apreciando-a 4 anos depois e criticando algumas de suas conclusões técnicas , o geólogo norte-americano Patrick Delaney considerou-a como “ o melhor estudo geográfico desta região”.

A literatura não científica foi inaugurada por **“Mar perdido e outras histórias” (1959)** , por **Alfredo Gomes de Jacques**, intelectual que residia em Torres, onde era secretário da Prefeitura e onde faleceu. Apenas o primeiro conto, entretanto, o qual deu o nome ao livro, tinha assunto local.

O verdadeiro início da literatura como literatura, tendo por objeto exclusivo nossa cidade, pode ser considerado o livro **“Torres, minha paixão” (1979)** da **Dra. Jovita Esquina**, colaboradora deste jornal. Espelhando sua profunda sensibilidade, esta obra dignificaria qualquer torrão.

Seguiu-se **“São Domingos das Torres” (1984)** do autor destas linhas e de sua mãe Dalila P. Ruschel, reunindo trabalhos que estavam espalhados por jornais e revistas desde trinta anos antes..

Completam a sequência de obras literárias **“Torres eu te amo” (1985)** de **Garcia da Rosa**, juntando crônicas e cartas, e **“Do sítio da Torres”**, de **Francisco Raupp**, também de crônicas.

Como se vê, a história da literatura local tem quase 100 anos (desde 1887) e já existe um razoável acervo de obras científicas e literárias. Tomara que esta história continue frutificando.

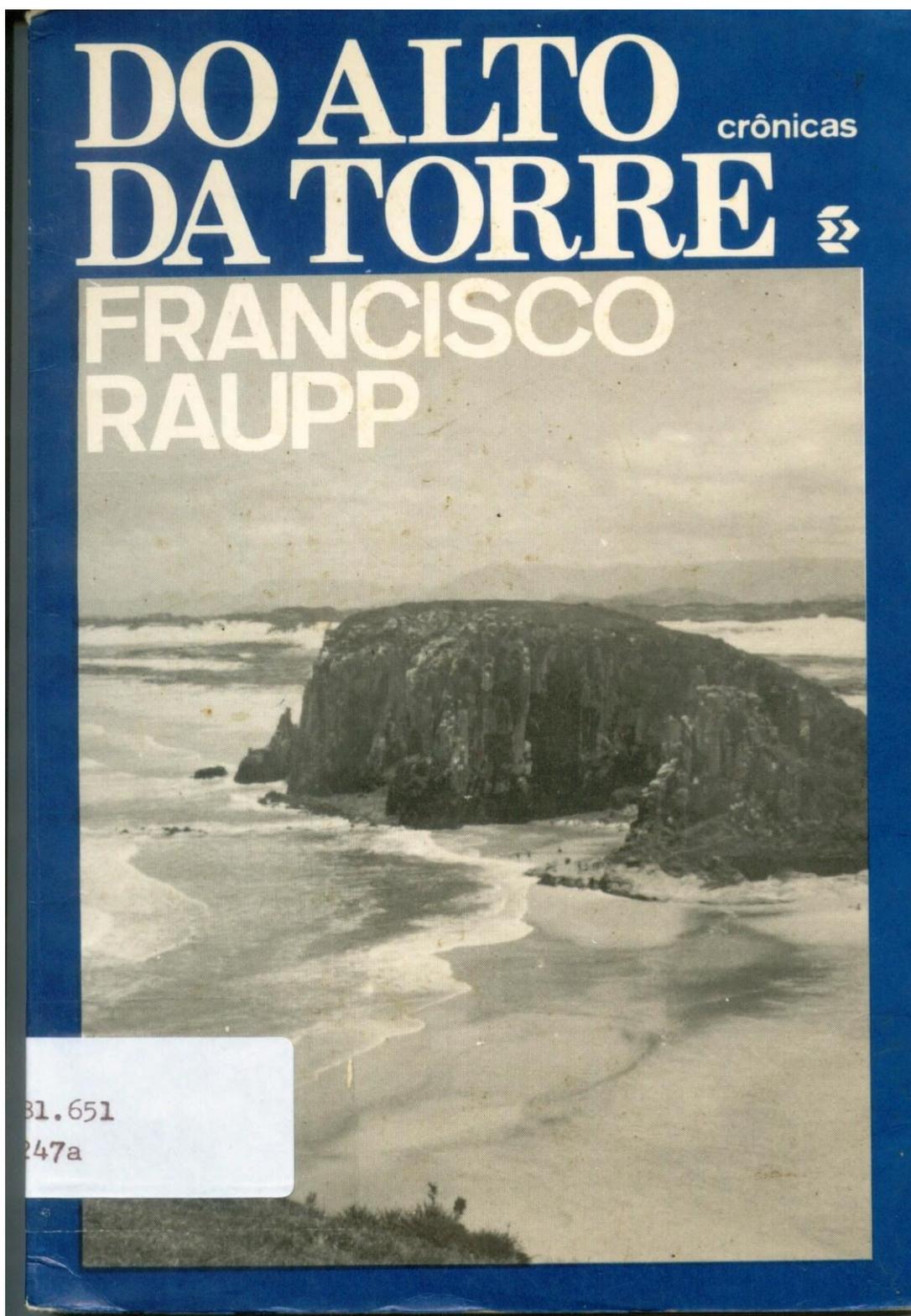
Registros de Ruy R.Ruschel

“Geografia do Município de Torres” (1930) , **“ O Presídio de Torres” (1936)**, **“Litígio entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul! (1937)** e **“Vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul” (1937)** – Dante de Laytano

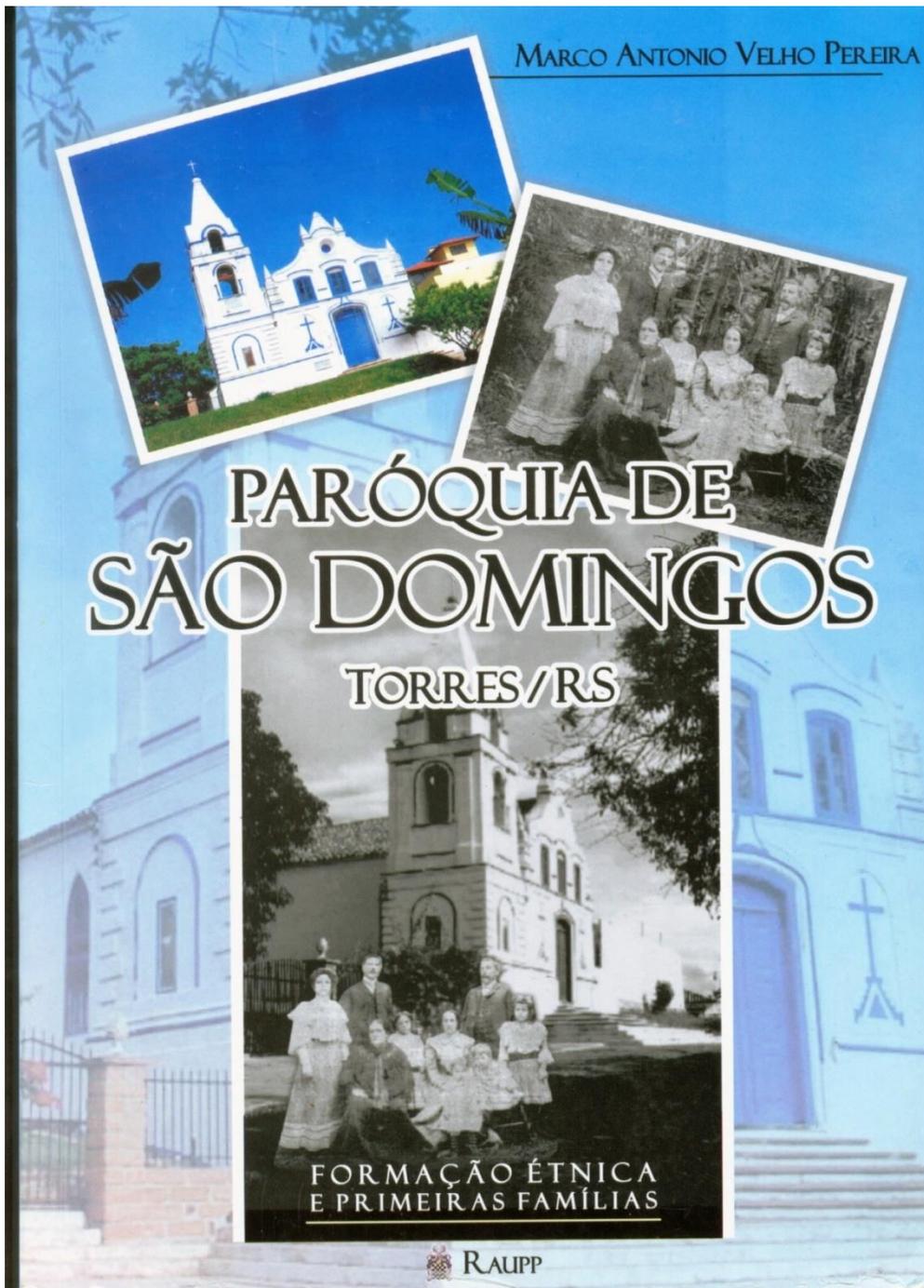
“Mar perdido e outras histórias” (1959) - Alfredo Gomes de Jacques

“Torres eu te amo” (1985) de Garcia da Rosa

“Do sítio da Torres” - Francisco Raupp



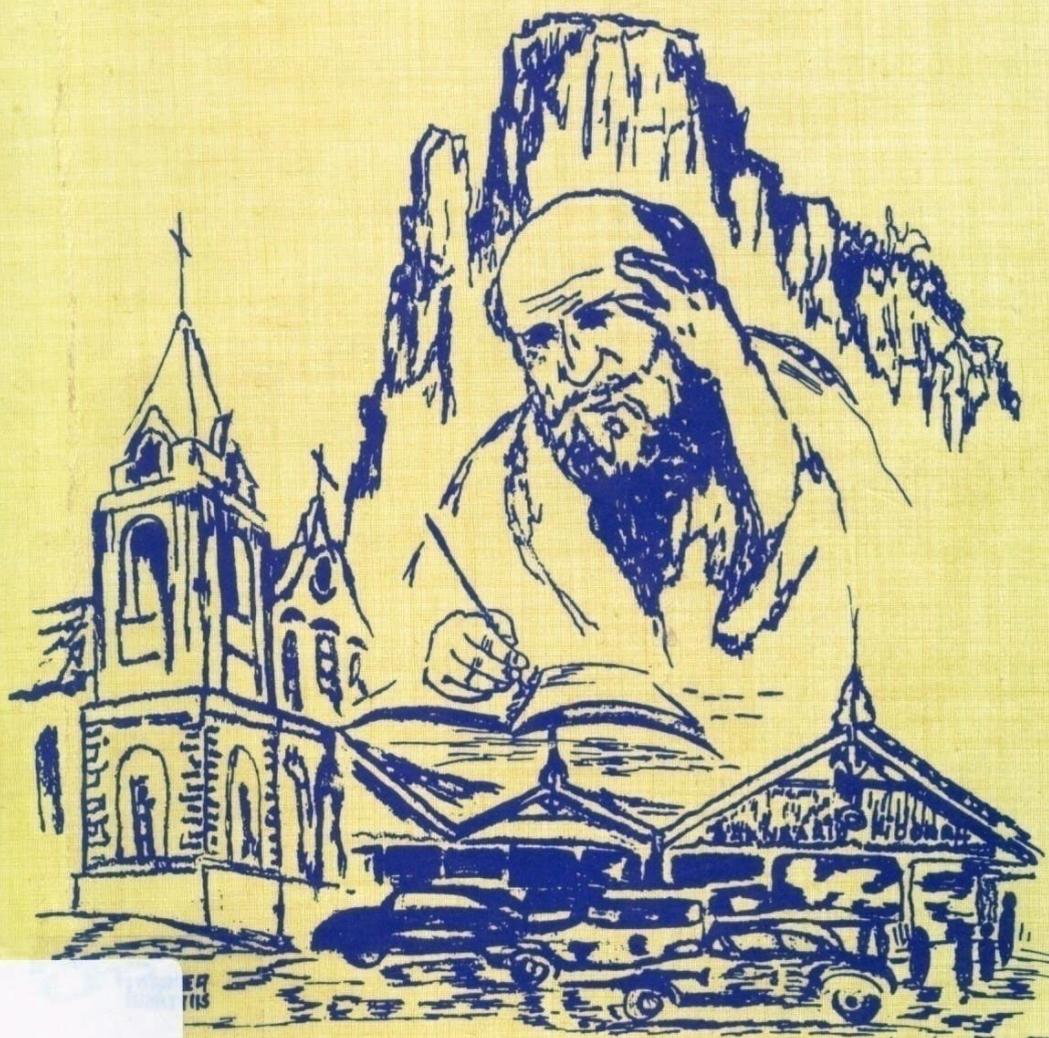
Outras obras



Cardoso, Eduardo Mattos. A Invenção de Torres: Do Balneário Picoral à Criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres - SAPT (1910-1950). São Leopoldo: UNISINOS, 2008. pp. 31-33

Barroso, Vera Lucia Maciel; Quadros, Terezinha Conceição de Borba & Brocca, Maria Roseli Brovedan (coords). Raízes de Torres. Porto Alegre: EST, 1996

Raízes de Torres



ORGANIZADORES:
VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO
TEREZINHA CONCEIÇÃO DE BORBA QUADROS
MARIA ROSELI BROVEDAN BROCCA

EST

(Livro disponível na Biblioteca Municipal)

Cardoso, Eduardo Mattos. *A Invenção de Torres: Do Balneário Picoral à Criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres - SAPT (1910-1950)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. pp. 31-33

De Freitas, Luiz Claudio. [O Canal de Navegação Laguna a Porto Alegre](#). Fundação de Economia e Estatística, s/d., pp. 13-15

Eduardo Festugato – Torres de Antigamente – Crônicas e Memórias

Farion, Sônia Rejane Lemos. Litoral do Rio Grande do Sul: rio, lago, lagoa, laguna. IN *Ágora*, v. 13, n. 1, jan./jun. 2007

Gedeon, Leonardo. Torres no limite. Busca Torres

EDUARDO FESTUGATO



**TORRES
DE
ANTIGAMENTE
CRÔNICAS E MEMÓRIAS**

.0(81)-94
8t

(Livros disponíveis na Biblioteca Municipal)

Artigos na imprensa

Barroso, Quadros & Brocca, op. cit., pp. 115-119 - Na virada para o século XX Torres começou a se tornar notícia frequente nos jornais da capital (mais de trezentas notas entre 1895 e 1912), e a tônica dos debates era o aproveitamento dos canais e lagoas para navegação interna, bem como a velha ideia de construção de um porto = Ruschel, Ruy Ruben. Um Velho Índice de Notícias Torrensenses em Jornais. IN Barroso, Quadros & Brocca, op. cit., pp. 115-119

De Toni, Nádia. As Torres de Torres. Pioneiro, 06/11/2010

Gedeon, Leonardo. A Arqueologia em defesa do Patrimônio Material de Torres. Recanto das Letras, 10/01/2008

Laytano , Dante - *Torres, resumo de sua história de terra e mar*, foi publicado pela primeira vez no jornal Correio do Povo, em 28.2.1957. Editado em plaqueta por seus amigos de Torres, com distribuição gratuita. A plaqueta, com 22 páginas, teve nova edição em 1978. ¹⁶

Losekann, Silvana. RS – Torres vai ganhar museu em 2011. Defender - Defesa Civil do Patrimônio Histórico, 27 de fevereiro de 2010

Geremias, Tiago. Já foi em Torres?. Jornal Livre, 28/06/2008

"O Litoral além da praia". Gazeta Mercantil, 19.10.98

De Freitas, Luiz Claudio. O Canal de Navegação Laguna a Porto Alegre. Fundação de Economia e Estatística, s/d., pp. 13-15

Culpa não é de Torres!. Gazeta, 15 de fevereiro de 2011

Muri, Gastão. Quatro problemas jamais resolvidos do litoral gaúcho. WordPress, 1 out 2010

IV -TERRITÓRIO E DATAS IMPORTANTES -

Fonte - Wikipedia

Sec.XVI - crônica de Jerônimo Rodrigues narra que ali era a fronteira da nação indígena [ibirajara](#), que dominava até o [Rio Mampituba](#), tendo os [patos](#) ou [carijós](#) ao norte, mas que estavam sempre incursionando uns em terras de outros.^{9 10}

Sec. XVIII

A partir de 1761 é registrada a concessão de algumas [sesmarias](#) entre Itapeva e o Rio Mampituba, fixando novos colonos.¹¹ Em 1777 foi erguida no flanco oriental do Morro das Furnas uma [bateria](#) com dois [canhões](#), chamada de [Forte de São Diogo das Torres](#)

Por isso, o tenente-general [Sebastião Xavier da Câmara](#), governador da [Capitania do Rio Grande de São Pedro](#), mandou o engenheiro [José de Saldanha](#) erguer em 1797 uma nova guarda e registro militar para controle e [pedágio](#) da passagem terrestre, com duas peças de [calibre](#) 4 e um destacamento de soldados. O forte era apenas uma guarnição de madeira e palha, com uma casinha de pedra e telha para abrigar a [pólvora](#).^{9 12} Em 1801 assumiu o comando da guarnição o alferes [Manuel Ferreira Porto](#), considerado o fundador da cidade.¹³ Com a criação dos primeiros municípios da capitania, em 1809, esta área recaiu sob a jurisdição de [Santo Antônio da Patrulha](#), tornando-se o Distrito das Torres.¹¹ (8 de agosto [São Domingos](#), padroeiro da cidade)

Sec. XIX



Em 1818, por despacho do [Marquês de Alegrete](#), foi concedida uma área de 150 [braças](#) quadradas para formação de um povoado e construção do templo, que entretanto iniciou e logo parou pela extrema pobreza e desunião dos locais. O ano seguinte marca a chegada do [brigadeiro Francisco de Paula Soares de Gusmão](#), enviado pelo [Conde da Figueira](#), governador da capitania, para reforçar a fortificação, que já estava novamente em ruínas, e inspecionar a barra do Rio Mampituba e o litoral norte, para verificar se por ali podiam se desembarcar invasores espanhóis. Francisco fez como ordenado, e concluiu que um desembarque era impossível, dada a ausência de um porto natural e por ser um litoral perigoso para navegação. A ameaça espanhola que voltara a assombrar os lusos no fim não se materializou, e o forte deixou de ter razão de ser. Francisco recebeu ordem de se retirar para a capital, mas percebendo a boa posição geográfica do lugar e seu potencial econômico como passagem muito frequentada para a [Capitania de Santa Catarina](#), pediu para ficar e assentar definitivamente a desejada capela para socorro espiritual de muitos em uma área de 40 [léguas](#) em torno, que precisavam se deslocar até [Osório](#) ou Laguna para o culto. Aprovada a solicitação, o conde mandou em 1820 iniciar à "Povoação das Torres" com algumas índias de Taquarém. Francisco de

Paula as tomou e fez que casassem com brancos, e fossem morar num [arraial](#) erguido às margens da [Lagoa do Violão](#). Logo deu início às obras da capela, e antes que ela se concluísse mandou vir para [capelão](#) o padre [Marcelino Lopes Falcão](#). No [Natal](#) de 1820 foi ouvida a primeira [missa](#).¹⁴

Proclamada a [Independência](#), passando por ali em 1824 o novo governante da ora [Província de São Pedro do Rio Grande do Sul](#), o [Visconde de São Leopoldo](#), percebendo as potencialidades do sítio e reconhecendo o bom trabalho anterior de Francisco de Paula, voltou a encarregá-lo do povoamento e finalização da capela, o que ocorreu em 1825, quando foi elevada a capela curada. A capela, atualmente conhecida pelo nome de [Igreja de São Domingos](#), se tornou um chamariz para várias outras famílias que já estavam por ali arranchadas

Em 1826 a Câmara de Santo Antônio da Patrulha iniciou a instalação de mais de cem famílias de imigrantes alemães, [protestantes](#) nas colônias de Três Forquilhas e [católicos](#) em São Pedro de Alcântara, a poucas léguas para o interior do núcleo inicial do Povoado das Torres. Um viajante alemão em passagem, Carl Seidler, contudo, disse que a distribuição dos lotes foi desigual, os católicos recebendo os melhores, o que causava frequente atrito com os protestantes, chegando a se registrar "*não raro conflitos sangrentos e até mesmo os mais bárbaros morticínios*". Disse mais, que a região ainda era assolada por índios, que matavam gente e causavam destruições, com a consequência de a população decrescer em vez de aumentar.^{11 17 18}

A soma desses fatores acabou por levar à emancipação em 1857 do então Distrito de Conceição do Arroio, hoje [Osório](#), separando-se de Santo Antônio e incorporando a si o Distrito das Torres.

A situação de estagnação social, cultural, urbana e econômica se prolongou até o início do século XX, chegando a surpreender que o povoado tenha sido erigido, num mesmo ato de 1878, a [Vila](#), e em seguida a [Cidade](#). Natural que perdesse o maior status, sendo reanexada a Osório.

Voltou a ser município só em 1890.²⁰



Sec. XX

1915 - Após entendimentos com João Pacheco de Freitas, Luiz André Maggi, Carlos Voges e outros torrenses, instalou seu Balneário Picoral, cuja sede a princípio foi o Hotel Voges, logo chamado Hotel Picoral, marco histórico da introdução do turismo em Torres.

1936 - No "salão nobre" do Balneário Picoral, várias personalidades se reuniram para criar a Sociedade dos Amigos da Praia de Torres (SAPT), movidas pelo *"ardente desejo manifestado pela maioria dos veranistas desta praia no sentido de ser fundada pelos mesmos uma sociedade que encampe e ampare, por todos os meios legais ao seu alcance, as nobres iniciativas que visem o bem-estar, o conforto e a segurança da população"*. A SAPT efetivamente se tornou daí em diante uma força decisiva na determinação dos rumos da cidade.³²

1988 - Separam-se Três Cachoeiras e Arroio do Sal;

1992 – Separam-se Três Forquilhas e Morrinhos do Sul.



